

A FILOSOFIA MATOU SÓCRATES

PHILOSOPHY KILLED SOCRATES

Flávio Rodrigues Andrade

Licenciado em; história, pedagogia, filosofia e mestre em história ibérica. Professor da Educação Básica no Centro Educacional Alcides de Paula Braga, Brasil. E-mail:

flavioridi@gmail.com.

Recebimento 20/02/2023 Aceite 03/03/2023

RESUMO-O objetivo desta pesquisa é compreender e analisar o contexto em que se deu o processo de acusação e condenação de Sócrates realizado por Meleto, Anito e Lícon, assim como a coerência entre a argumentação e os discursos filosóficos de Sócrates em consonância com suas atitudes. A metodologia utilizada na coeva pesquisa é a qualitativa, através do levantamento bibliográfico contendo as obras clássicas de Platão: discípulo de Sócrates e Xenofonte, entre os artigos científicos e textos referente ao tema abordado e publicados em sites. Também foi realizada a revisão da bibliografia, coleta de dados investigação e análise. A pesquisa evidencia a crise política de Atenas após a derrota para Esparta na Guerra do Peloponeso que acabou em 404 a.C. gerando uma crise política em Atenas. Houve nesse período uma contestação através dos comportamentos considerados profanos pelos jovens atenienses que chegaram a profanar os Mistérios e os deuses através também da mutilação de estátuas entre outras atitudes. Sócrates fica surpreso ao ficar sabendo que Meleto o levou ao tribunal, chegado o momento de sua defesa ele se atém a um discurso baseado na moral, em muitos momentos encurrala Meleto, porém em vão os jurados o condenaram com a maioria dos votos contra sua absolvição. Foi acusado de corromper a juventude e profanar os deuses, Sócrates chegou a mencionar que o que levaria a condenação e a morte se acaso fosse condenado era a inveja, as mentiras e as calúnias pelos seus adversários intelectuais que colecionou ao decorrer de sua vida quando os refutava e os expunha perante o ridículo, observado que esta afirmação serve apenas para os orgulhosos e que tinham interesse e obtinham alguma vantagem em se mostrarem sábios. A fontes nos leva a crer que Sócrates foi acusado oportunamente e condenado à morte por interesses pessoais e pela rivalidade intelectual entre os pensadores da época sendo eles de diversas ocupações.

PALAVRAS-CHAVE: Sócrates. Atenas. Acusação. Jurados. Condenação.

ABSTRACT-The objective of this research is to understand and analyze the context in which the process of accusation and condemnation of Socrates carried out by Meleto, Anytus and Licon took place, as well as the coherence between Socrates' argumentation and philosophical discourses in line with his attitudes. The methodology used in the coeval research is qualitative, through a bibliographical survey containing the classic works of Plato: disciple of Socrates and Xenophon, among scientific articles and texts referring to the theme addressed and published on websites. A review of the bibliography, data collection, research and analysis was also carried out. The research evidences the political crisis of Athens after the defeat to Sparta in the Peloponnesian War that ended in 404 BC. generating a political crisis in Antennas. During this period, there was a contestation through the behaviors considered profane by the Athenian youths who came to desecrate the Mysteries and the gods through the mutilation of statues, among other attitudes. Socrates is surprised to learn that Meleto has taken him to court, when the time for his defense comes he sticks to a speech based on morals, in many moments he corners Meleto, but in vain the jurors condemned him with the majority of votes against his acquittal . He was accused of corrupting youth and desecrating the gods,

Socrates even mentioned that what would lead to condemnation and death if he were condemned was envy, lies and slander by his intellectual opponents that he collected throughout his life when the refuted and exposed them to ridicule, noting that this statement is only for the proud and who had an interest and obtained some advantage in showing themselves to be wise. The sources lead us to believe that Socrates was opportunely accused and condemned to death for personal interests and for the intellectual rivalry between the thinkers of the time, being they of different occupations.

KEYWORDS: Socrates. Athens. Indictment. Jurors. Conviction.

1 INTRODUÇÃO

A atual pesquisa aborda os fatos sobre a acusação e condenação do Filósofo ateniense Sócrates a morte por envenenamento. As acusações realizadas por Meleto, Anito e Lícon foram baseadas na alegação de que Sócrates profanava contra os deuses e corrompia a juventude com ensinamentos que chocavam com as tradições atenienses.

A problematização deste trabalho está em responder sobre a coerência do pensamento de Sócrates nas obras de Platão e Xenofonte e verificar o que estava por trás da acusação e condenação de Sócrates.

Baseando em hipóteses por ser um filósofo reconhecido como adepto da filosofia moral, Sócrates deve sim manter uma coerência em seu pensamento filosófico até mesmo por não cair em contradição e descrédito. Enquanto aos bastidores da acusação de Sócrates e sua condenação à morte por envenenamento, tem se aqui a suspeita de que foram oportunamente realizadas por vingança de cunho intelectual, interesses econômicos e políticos.

Os objetivos da pesquisa em questão são: objetivo geral; compreender e analisar o cenário político e intelectual de Atenas na época em que Sócrates foi condenado, objetivo específicos; investigar a forma que este filósofo conduzia o filosofar e também sua conduta pessoal.

O coevo trabalho possui relevância por dar sua contribuição aos acadêmicos interessados pelo tema e por demais membros da sociedade que se interessam por temáticas como: filosofia, cultura, religião e política.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a qualitativa no que envolve levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica, coleta de dados, investigação e análise dos dados.

A pesquisa é composta de três capítulos o 1º é a introdução que apresenta uma estrutura panorâmica do trabalho como: apresentação do tema, delimitação do

tema, problematização, hipóteses objetivos gerais e específicos, sobre a relevância do trabalho ou justificativa e metodologia utilizada. O 2º capítulo; o desenvolvimento, trata de seções e subseções que tratam dos precedentes da acusação de Sócrates; das considerações sobre a acusação de Sócrates e por último da defesa deste filósofo perante os jurados e sua condenação. O 3º capítulo é a conclusão, onde é realizada as considerações finais das obras analisadas.

1.1 Objetivos Gerais

Este trabalho se compromete a analisar de forma aprofundada e imparcial, porém não está isento de enfatizar aspectos intelectuais-filosóficos do objeto de estudo da presente pesquisa. Que utiliza o julgamento do Filósofo ateniense; Sócrates ocorrido em 399 a.C., e que mesmo na atualidade é estudado nas universidades através de autores como os seus discípulos Platão e Xenofonte.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Precedentes da acusação de Sócrates

A filosofia de Sócrates entre seus traços marcantes estava a busca pelo conhecimento e pela sabedoria através do método dialético, do uso da razão através e de diálogos filosóficos de grande profundidade. A forma refutativa que Sócrates adotou em seus diálogos filosóficos fazia com que os participantes expusessem suas próprias ignorâncias. Isso para alguns pensadores, principalmente para os sofistas isso era visto como humilhação.

Segundo Platão (2020, p. 14), dois pontos que pesaram na condenação de Sócrates foram os de cunho político e cultural. O político envolvia as sequelas¹ da derrota na Guerra do Peloponeso contra Esparta que terminou em 404 a.C., e em seguida instaurado um breve regime oligárquico que pressionava para consolidação da democracia. Sendo assim, no tocante aos cidadãos atenienses que contestasse ou tentasse inovar os ideais políticos alterando a ordem vigente aristocrata não era bem visto.

¹ Trauma entre os cidadãos Atenienses.

São vários os contrastes que pesaram sobre Sócrates, a partir daqui esta pesquisa da voz ao próprio Sócrates em suas conversas com seus pares e analisa o seu contexto. O objetivo é checar a coerência do pensamento de Sócrates com as fontes utilizadas aqui neste trabalho.

2.1.1 Considerações sobre a acusação de Sócrates

Diálogo de Êtífron e Sócrates:

ÊTIFRON: (2) que novidade é essa, Sócrates que você, deixando os seus passatempos no Liceu, agora passa o tempo aqui, nos arredores do pórtico do rei? Pois eu presumo não acontecer de *you também* ter uma causa junto ao rei, como eu...**SÓCRATES** Na realidade, Êtífron, os atenienses não a chamam de “causa”, mas de “denúncia”. (PLATÃO, 2020, p. 25, grifo do autor).

Este é o momento que Sócrates com suas próprias palavras revela a Êtífron que foi acusado por Meleto. “É do demo de Pitões, se é que lhe vem à mente algum Meleto de Pitões, assim, de cabelo liso e não de cabelo liso e não com muita barba – e nariz adunco [...]. (PLATÃO, 2020, p. 26).

Meleto aparece na literatura como poeta e sofista, Êtífron fica sem entender ao certo o motivo da denúncia e faz a seguinte pergunta a Sócrates: “mas me diga: ele diz que você corrompe os jovens fazendo o quê?” (PLATÃO, 2020, p. 27). Sócrates responde: “pois diz que sou fazedor de deuses e que, por isso mesmo-por fazer novos deuses e não crer nos antigos-, me denunciou, conforme diz”. (PLATÃO, 2020, p. 27).

Levando em consideração que o próprio Êtífron diz a Sócrates que ele próprio abriu um novo filão de deuses e que isso era motivo de excitação a calúnia dá para perceber a gravidade da situação de Sócrates em assuntos polêmicos e suscetíveis a perseguição política. E no que se percebe também; uma perseguição intelectual de fins políticos e econômicos já que os sofistas cobravam dos seus alunos ou discípulos pela instrução prestada a eles.

ÊTIFRON: compreendo, Sócrates. É porque você mesmo diz que “o sinal numinoso” está a todo momento com você. É por você abrir um novo filão em relação às coisas divinas que ele fez essa denúncia, e então vem até o tribunal para caluniá-lo-sabendo que assuntos desse tipo incitam a maioria à calúnia. (PLATÃO, 2020, p. 28, grifo do autor).

Para Sócrates os atenienses se incomodavam pelo fato de alguém ensinar com eficácia a sua própria sabedoria a outros. Esse pensamento de Sócrates é coerente nas obras de Platão e de Xenofonte como veremos mais adiante. Porém, a acusação de Meleto não foi infundada, Sócrates se opunha contra a ambição das pessoas, a busca indiscriminada pelas honrarias, pelos privilégios e isso é o cerne de quaisquer sociedades. Sócrates acreditava realmente em adivinhos, o próprio Êutifron o qual dialogava era um adivinho. Não que Sócrates fosse um ateu, mas a questão era interpretada propositalmente ou não no fato de Sócrates trazer outros deuses para o povo ateniense e conseqüentemente por toda a Grécia.

Preocupado em se livrar da acusação de Meleto Sócrates tenta extrair do adivinho Êutifron, respostas para que ele mesmo examina-se a si próprio sobre se o que acreditava e pregava estava condizente com a crença aos deuses ou não. Porém, Êutifron em momento de muita expectativa de Sócrates vira-lhe as costas literalmente.

Em um diálogo sobre o amor entre Sócrates e Agatão que se refere também aos deuses podemos perceber-se que Sócrates realmente acreditava em adivinhação onde o ele menciona o diálogo que teve com uma mulher.

“E a ti eu deixarei agora; mas o discurso que sobre o Amor ouvi um dia, de uma mulher de Mantinea, de nome Diotima, que nesse assunto era entendida e em muitos outros-foi ela que uma vez, porque os atenienses ofereceram sacrifícios para conjurar a peste, fez recuar a doença por dez anos, e era ela que me instruí nas questões do amor” [...]. (PLATÃO, 2020, p. 46-47).

Em Platão (2020, p. 49), fica evidente que Sócrates dialogava sim sobre coisas divinas entre outras temáticas e também tinha certa percepção sobre as divindades. Óbvio que de acordo com a mitologia grega que era baseada suas percepções com exceção das variantes que seus diálogos filosóficos alcançavam, que podem se destoado sim dos costumes tradicionais. Pois, os filósofos possuem suas particularidades que os diferem dos demais entre eles o método filosófico, o uso da razão, o empirismo entre outros.

- Estás vendo, então, que também tu não julgas o Amor um deus? – Que seria então o amor? – perguntei-lhe. – Um mortal? – Absolutamente. – Mas o quê, ao certo, ó Diotima? – Como nos casos anteriores – disse-me ela -, algo entre mortal e imortal. – O quê, então, ó Diotima? – Um grande gênio,

ó Sócrates; e tudo o que é gênio está entre um deus e um mortal. – E com que poder? – perguntei-lhe, - O de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e dos outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios. E como está no meio de ambos ele os completa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo. (PLATÃO, 2020, p. 49).

Analisando o excerto acima é possível observar tanto o status do adivinho como o do próprio Sócrates para os que compartilhavam da mesma corrente de pensamento do que eles e compreender o motivo da acusação de Sócrates. Pois, Sócrates era um homem influente em Atenas, era visto como alguns como um educador suas ideias eram difundidas entre seus adeptos principalmente entre a juventude onde ganhou popularidade, era considerado um homem sábio por muitos.

Sócrates faz outra pergunta a Diotima onde ela reafirma a condição do filósofo. “– Quais então, Diotima, os que filosofam, se não são nem os sábios nem os ignorantes?” (PLATÃO, 2020, p. 51). Diotima responde a Sócrates:

– É o que é evidente desde já até a uma criança: são os que estão entre esses dois extremos, e um deles seria o amor. Uma das coisas mais belas é a sabedoria, eo Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. É a causa dessa sua condição é a sua origem, pois é filho de um pai sábio e rico e de uma mãe que não é sábia e é pobre. É essa então, ó Sócrates, a natureza desse gênio [...]. (PLATÃO, 2020, p. 51).

Em síntese Diotima de Mantinea esclarece a Sócrates que o filósofo está entre a sabedoria e a ignorância e por isso é um gênio. Assim como o amor está entre o amante e o amado. Mesma situação do adivinho que está entre os deuses e os homens e que faz com que eles se comuniquem. As brechas que meleti encontrou no tocante a religiosidade grega pelo que consta na obra de Xenofonte foram exatamente essas como veremos abaixo.

Sua acusação consistia do seguinte: Sócrates é culpado do repúdio aos deuses reconhecidos pelo Estado e de importar estranhas divindades, além do que, é culpado de corrupção da juventude. Em primeiro lugar, que provas apresentaram de que ele repudiava os deuses reconhecidos pelo Estado? Oferecia sacrifícios constantemente, o que em absoluto não ocultava, fazendo ora em sua casa, ora nos altares dos templos da cidade; recorria igualmente, de maneira aberta, à divinação. Realmente se tornara notória a afirmação de que era guiado pelo deus. Penso que foi essa afirmação que deu origem à acusação de introduzir estranhas divindades. Tudo que introduzia de estranho não ia além do que faziam outros crentes da divinação, os quais confiavam em augúrios, oráculos, presságios e sacrifícios. (XENOFONTE, 2006, p. 19).

O deus em que segundo Xenofonte (2006, p. 19) guiava Sócrates era *daimonion*², embora que Xenofonte justifique as práticas religiosas como os sacrifícios realizados em sua própria casa e outrora nos altares dos templos da cidade. Em Platão como já vimos anteriormente Atenas estava passando por um momento político difícil devido a derrota sofrida na Guerra do Peloponeso.

Este processo de crença em adivinhação funcionava da seguinte forma; o sinal era enviado dos deuses através de aves ou pessoas, visto que não eram encontradas coincidentemente e sim por sinal dos deuses em resposta às perguntas formuladas pelo interessado.

Sócrates expressava o que queria dizer na medida em que declarava que a divindade lhe dava um sinal. Sócrates aconselhava muitos de seus companheiros a fazer isso ou não fazer aquilo em conformidade com os avisos da divindade. Ora os que acatavam seu aconselhamento obtinham êxito, enquanto os que não o ouviam acabavam com motivos para se arrependem de não tê-lo feito. (XENOFONTE, 2006, p. 20).

Vale ressaltar que em Xenofonte (2006, p. 20) esses aconselhamentos eram restritos aos seus amigos íntimos e não realizado de forma ampla e propagada direcionada a qualquer um que tivesse interesse. Sócrates também aconselhava seus amigos na ausência de dúvidas a agirem como lhes conviessem, porém se as consequências dos atos fossem imprevisíveis ele os enviava ao oráculo para que eles perguntassem se o objeto dos seus atos deveria ser consumado. Ou seja, se era conveniente fazer tal coisa ou se aquilo iria trazer problemas. “Ele declarava que aqueles que pretendiam governar uma casa ou um Estado necessitavam o auxílio da divinação”. (XENOFONTE, 2006, p. 20).

Embora este processo todo de adivinhação e de trazer novas divindades ao mundo grego isso era usual em Atenas tanto que em Platão (2020, p. 47) no diálogo entre Sócrates e Diotima de Martineia é mencionado o sacrifício que os atenienses fizeram para acabar com a peste e que a doença recuou por dez anos.

Sócrates sempre viveu abertamente. Logo de manhã frequentava os passeios públicos e os ginásios; antes do meio-dia era visto na praça do mercado; durante o resto do dia passava precisamente pelos lugares onde a maioria das pessoas se encontrava; geralmente discursava e todos podiam ouvi-lo. E, no entanto, ninguém jamais o ouviu ou viu cometer impiedade ou irreligiosidade através de palavras ou ações. Nem sequer

² Espírito de proteção pessoal.

discutia o assunto favorito d outros falantes, ou seja, a natureza do universo. Esquivava-se a especular sobre o chamado *universo dos professores*, sobre seu funcionamento e acerca das leis que regem os fenômenos dos céus. (XENOFONTE, 2006, p. 21-22, grifo do autor).

Sócrates acreditava que primeiro o homem deveria primeiro dar conta dos assuntos humanos por completo, isto é, ter o domínio dos assuntos terrenos no tocante a humanidade e só depois se preocupar em assuntos de origem divina. O que Xenofonte (2006, p. 22) descreve como *fenômenos dos céus*. Mencionando que Sócrates ficava pasmo ao ver a incapacidade humana em solucionar esses enigmas e que os mais orgulhosos discutidores sobre essa temática, divergiam entre si como se fossem loucos e que para Sócrates isso era pura tolice.

2.1.1.1 A defesa

A defesa de Sócrates foi de cunho moral, o filósofo ao mesmo tempo que se defendia ele atacava. O que evidencia uma disputa intelectual e conseqüentemente política e social entre todos os envolvidos e não só contra os sofistas, haviam pessoas de diversas posições sociais entre os acusadores e jurados. “*Após ouvir os discursos da acusação, Sócrates faz perante 500 jurados sua defesa*”. (PLATÃO, 2020, p. 65, grifo do autor).

Muitas vezes em sua defesa Sócrates discursava em tom de ironia debochando de seus acusadores, esse comportamento demonstra o teor da rivalidade entre Sócrates e seus adversários intelectuais não sendo exclusividade dos sofistas apenas. “O que vocês, varões atenienses, sentiram os meus acusadores, não sei; mas até eu mesmo, com eles, por pouco não me esqueci de mim, tão convincentemente falavam! (PLATÃO, 2020, p. 65). A partir daí Sócrates desferiu uma série de ataques aos seus acusadores, o réu passa a ser em muitos momentos também acusador.

Sócrates passou a vida toda criticando os sofistas por serem grandes oradores e por não primarem pelo conhecimento em si, mas por serem persuasivos e esta acusação não só não fazia sentido, mas irritou muito Sócrates pelo tom de sua réplica. Seus discursos como ele próprio afirmou perante todos ali no tribunal presentes que eles iriam ouvir muitas coisas de improviso conforme as palavras

viriam em sua mente, mas que ele acreditava serem justas e não um discurso bem ordenado e beletrificado como o dos seus acusadores.

“Certamente nem ficaria bem, varões, nesta minha idade me dirigir a vocês fabricando discursos como um adolescente”. (PLATÃO, 2020, p. 66). Como pode ser observado Sócrates se refere indiretamente que seus acusadores ao formular seus discursos agem como adolescentes. Visto que ao mesmo tempo que está se defendendo, esta refutando-os. De acordo com Platão (2020, p. 67) Sócrates menciona que desde muito tempo seus adversários intelectuais já vinham-no acusando baseando em mentiras e citou que os temiam mais do que os que estavam em torno de Anito, um entre os três de seus acusadores.

Anito era o mais importante dos seus acusadores, pois era um democrata atuante, porém, tinha algo em comum com Sócrates que era a ojeriza aos sofistas, mas também demonstrava irritação com as palavras de Sócrates. Mas, Sócrates temia mais os acusadores antigos por eles terem participado da educação dos atenienses e por terem realizado uma construção antisocrática. Isso perpassou no tempo se enraizando no âmago desses pupilos e mais tarde veio a pesar conta Sócrates em seu julgamento, o que mostra que Sócrates tinha razão. Em resumo a acusação e o veredito se tratou de uma construção histórica contra um dos maiores filósofos da Grécia antiga que marcou uma Era que se divide em pré-socráticos e pós-socráticos.

Sócrates usa as pessoas do próprio júri para testemunha o que ele chama de mentiras e calúnias. Mas, é necessário ressaltar que Sócrates dialogava sim sobre coisas divinas, porém somente com os mais próximos, esse tipo de diálogo não se estendia ao público em geral.

Obviamente os seus companheiros não iriam se levantar contra ele e expô-lo em público sobre os diálogos das coisas divinas mesmo que sejam esporádicos entre amigos. Sócrates também se defende dizendo que não tinha intenção de educar ninguém e muito menos ganhar dinheiro com isso.

“A sabedoria que é humana, talvez. Na realidade, *nessa* corro o risco de ser sábio” [...]. (PLATÃO, 2020, p. 72, grifo do autor). Sócrates afirmou perante todos que se ele tivesse alguma sabedoria esta seria a sabedoria humana e nada mais além disso. E como prova mencionou o oráculo de Delfos o qual afirmou que Sócrates era o homem mais sábio de toda a Grécia.

Sócrates em um momento de sua defesa deixa escapar em uma frase comprometedora a menos que seja um erro de tradução da obra de Platão; Apologia de Sócrates. “Pois como testemunha da minha sabedoria – se é de fato uma e qual é – vou apresentar o deus de Delfos”. Apesar de que Sócrates não se intitulava sábio, tal denominação vem de Pítia; oráculo de Delfos e das demais pessoas que assim o viam. Em um diálogo franco com Meleto frente ao tribunal Sócrates o encurrala de perguntas e em cima das respostas de Meleto faz sua defesa.

O próprio Sócrates afirma que Meleto era mais sábio do que ele dizendo que ao invés de levá-lo perante a lei onde era aplicada punições poderia bem tê-lo ajudado. “Mas conviver comigo e me ensinar *você evitava e nunca quis* – e agora me convoca até aqui, aonde a lei manda convocar os que precisam de castigo, não de ensino” [...]. (PLATÃO, 2020, p. 81, grifo do autor).

Sócrates disse isto sobre a alegação de que não pensava estar corrompendo os jovens e se fazia isso era de forma involuntária sem ter consciência do que estava fazendo. “E se corrompo involuntariamente, por erros tais – involuntários – a lei não manda que se convoque até aqui, mas sim que se aborde a pessoa em particular, para ser ensinada e repreendida”. (PLATÃO, 2020, p. 81). Esta foi uma tentativa de escapar da condenação versando sobre um ponto chave das leis atenienses. Outro ponto importante que Sócrates estrategicamente faz é sobre a correlação que alguns homens quando o relaciona como investigador das leis da natureza e Meleto o acusa perante o tribunal de tal ato.

Sócrates ao mencionar estas palavras, ele está escancarando que a diferença dele como filósofo e Anaxágoras de Clazômena também filósofo era muito grande. Pois, Anaxágoras sim investigava as coisas suspensas no ar, ou seja, os astros e as coisas para ele supostamente divinas, este sim era um filósofo naturalista.

Sócrates em alguns momentos de sua defesa se irrita e ataca verbalmente o acusador Meleto. “Pois este homem (*aponta para Meleto*), varões atenienses, me parece ser muito soberbo e insolente, e simplesmente fazer esta denúncia por uma soberba, uma insolência, uma molecagem”. (PLATÃO, 2020, p. 8, grifo do autor).

Sócrates neste momento tenta desqualificar a acusação de Meleto com argumentos coerentes, porém o que agravava sua situação não era o fato de ser acusado de ser ateu e não acreditar em deuses, mas de abrir um novo filão com relação a eles. [...] “Este homem entra em contradição consigo mesmo em sua

denúncia, como se dissesse: “Sócrates age mal ao não crer em deuses, embora crendo em deuses...”. Mas isso é de quem está brincando!”. (PLATÃO, 2020, p. 83). O discurso da defesa se estendeu por mais algum tempo, porém chegou a hora do veredito que o próprio Sócrates previa não só naquele momento, mas tinha consciência que um dia isso poderia ocorrer como veremos na obra O Mito da caverna de Platão mais adiante.

Mas aquilo que eu dizia anteriormente – que contra mim surgiu muito ódio, e junto a muitos –, fiquem sabendo que é verdade. E é isso que me condenará, se é que vai mesmo me condenar: não Meleto, nem Anito, mas a calúnia e a inveja de muitos! Coisa que a muitos varões, belos e bons, tem condenado e ainda vai (penso eu) condenar; não há perigo algum de que pare em mim [...]. (PLATÃO, 2020, p. 86).

Esta afirmação de sobre o ódio e a inveja que Sócrates diz tem sim procedência, pois entre os intelectuais daquela época, os que cruzavam com ele estabelecendo algum tipo de diálogo muitas das vezes era refutado, ou seja, perante o orgulho de ser “detentor” de certo conhecimento ou as vezes por se autoconsiderar um sábio. Perante Sócrates o que ele pensava conhecer era desconstruído ao decorrer do diálogo como veremos logo abaixo.

Era esse processo dialético que ao aprofundar o diálogo trazia à tona o real conhecimento dos interlocutores. Era assim que Sócrates desqualificava o orgulhoso e feria seu ego colecionando inimigos, porém nem sempre era assim havia quem gostava de aprender com Sócrates obviamente, principalmente os jovens e seus amigos mais próximos como; Platão, Êtifron e Agatão por exemplo. *“Com 220 votos a seu favor e 280 contra, Sócrates é considerado culpado. A pena que havia sido proposta pela acusação era a morte, mas ele pode sugerir para os jurados uma punição alternativa.* (PLATÃO, 2020, p. 99, grifo do autor).

Obviamente Sócrates achou sua condenação injusta, pois acreditava ter prestado aos atenienses serviços úteis ao instruí-los através da filosofia sem contar os serviços militares prestados em guerras. “Porque, segundo penso, se fosse lei para vocês (como é para outros homens) não julgar – quando se trata de morte – em um único dia apenas, mas em muitos, vocês teriam sido convencidos”. (PLATÃO, 2020, p. 101). Como já dito anteriormente a acusação e conseqüentemente sua condenação foi uma construção ao decorrer de décadas pelos seus rivais.

Difícilmente Sócrates reverteria isso em apenas um dia por mais aperfeiçoado que seja, o seu discurso.

Este Platão aqui (*apontando*), varões atenienses, e Críton, e Critóbulo, e Apolodoro, mandam que eu estipule trinta minas, que eles mesmos afiançam. É quanto eu então estipulo, e junto a vocês serão fiadores da prata esses homens, dignos de fé. (PLATÃO, 2020, p. 103, grifo do autor).

Mas, nada disso adiantou Sócrates foi condenado mesmo, a morte. “*Diante das palavras de Sócrates, 360 dos 500 jurados votam por manter a pena proposta pela acusação e sentenciam à morte por envenenamento.* (PLATÃO, 2020, p. 103, grifo do autor). No Mito da Caverna de Platão Sócrates parecia prever sua morte como veremos agora no diálogo entre ele e Gláucón.

Em Platão (2015, p. 9) Sócrates faz uma alegoria para dialogar das coisas morais com Gláucón, dizendo para ele imaginar seres humanos que habitavam uma espécie de caverna subterrânea tendo uma entrada acima aberta para a luz. “Estão ali desde a infância, fixados no mesmo lugar, com pescoços e pernas sob grilhões unicamente capazes de ver à frente, visto que seus grilhões os impedem de virar suas cabeças”. (PLATÃO, 2015, p. 9). Depois Sócrates diz a Gláucón que existia duas luzes acesas devido a uma fogueira acesa; uma em cima delas e outra atrás deles. Estas luzes faziam com que fosse projetado sombras o interior da caverna e os prisioneiros ali tomavam essas sombras como coisas reais.

Sócrates supõe a Gláucón que um deles fora libertado, porém ao se depara com a claridade tendo suas vistas ofuscadas. Ele pergunta a Gláucón o que ele acharia se o prisioneiro impossibilitado de enxergar fosse informado que tudo que ele tinha visto antes era uma ilusão. Sócrates então sugere; que se o prisioneiro fosse indagado sobre as coisas que passasse em frente aos seus olhos e o que é cada uma delas, ele não ficaria confuso e pensaria que as coisas que via na caverna fossem mais reais. Gláucón concorda. (PLATÃO, 2015, p. 12).

SÓCRATES: suponho então que ele precisaria de tempo para adaptar-se até poder ver coisas no mundo superior. No começo veria sombras mais facilmente, depois imagens ou reflexos de homens e outras coisas na água, e posteriormente as próprias coisas, e, a partir disso, se capacitaria a investigar as coisas celestes e o próprio céu, mais facilmente à noite, fitando a luz das estrelas e a lua, do que de dia, fitando o sol e a luz deste. (PLATÃO, 2015, p. 13, grifo do autor).

Glaúcon responde: exatamente. Este trecho é coerente com aquele que Sócrates diz aos jurados que um dia só era pouco para convencê-los de uma vida inteira ouvindo calúnias a se respeito. E que se tivesse mais tempo certamente iria convencê-los da sua inocência.

SÓCRATES: e o que aconteceria quando se lembrasse de sua primeira morada, de seus companheiros prisioneiros e daquilo que ali passava por sabedoria? Não achas que se consideraria feliz pela mudança e teria pena dos outros? **GLAÚCON:** certamente. (PLATÃO, 2015, p. 13-14, grifo do autor).

Mas, quando Sócrates menciona que se tivesse honras, louvores ou premiações entre os seus amigos prisioneiros lá na caverna para quem fosse mais habilidoso em identificar sombras na medida que elas se projetassem, ou se lembrasse melhor das quais que geralmente antecipavam-se, as que se apresentavam-se mais tarde, e assim por diante. “[...] Achas que nosso homem desejaria essas recompensas ou invejaria aqueles entre os prisioneiros que fossem objeto das honras e que fossem transformados em senhores? (PLATÃO, 2015, p. 14).

Sócrates depois de explicar tudo isso faz outra pergunta a Glaúcon: ou será que o prisioneiro liberto iria partilhar do sentimento de Homero, preferindo cultivar o solo como servo de um outro homem, se tornando um homem sem posses sujeito a todos os tipos de sofrimentos decorrentes de sua posição social ou iria preferir voltar para a caverna e viver como seus companheiros com todos aqueles privilégios.

“**GLAÚCON:** suponho que se submeteria a sofrer qualquer coisa a viver desse modo”. (PLATÃO, 2015, p. 14, grifo do autor). Pois, é este tipo de diálogo moral que incomodavam os opositores de Sócrates, indo de encontro aos seus interesses. Sócrates faz outra analogia dizendo a Glaúcon que se o homem que se libertou dos grilhões e saiu da caverna voltasse ao seu posto antes de seus olhos se recuperasse perante a claridade e fosse competir com os seus companheiros prisioneiros no reconhecimento das sombras com a visão ainda que temporariamente arruinada seria incapaz de competir com igualdade de oportunidades com os demais. Sendo assim, ele comentaria com seus companheiros que não valia a pena ir até a região mais elevada, ou seja, sair até a superfície. “E no caso de alguém libertar os prisioneiros e conduzi-los acima, se

fosse apanhado eles não o matariam? **GLAÚCON**: certamente o matariam”. (PLATÃO, 2015, p. 15, grifo do autor).

Baseado nestes argumentos é perceptível que Sócrates se referia que libertar os outros das suas próprias ignorâncias não era tarefa fácil principalmente no que envolvia as honrarias e os privilégios. E a vida toda ele filosofou nesse sentido, porém dedicou a filosofia por amor a sabedoria como ele próprio confessou em seu julgamento.

Esta foi uma demonstração de coragem assim como os heróis gregos faziam, no trecho acima Sócrates se refere a Aquiles. Que preferiu morrer com honra a viver o resto da vida envergonhado e ao mesmo tempo ele deu uma prova de amor a filosofia e a sabedoria, visto que uma coisa leva a outra.

Foram três os acusadores de Sócrates: Meleto, um poeta menor, cuja motivação parece ter sido a de chamar a atenção sobre sua pessoa; Lícon, que nutria certo ressentimento pessoal contra o filósofo; e Anito, um rico curtidor de couros, que por sua influência granjeava maior peso à acusação. Não muito tempo depois de seu julgamento e morte, uma estátua foi erigida em homenagem a Sócrates em Atenas, enquanto a sorte reservada a seus acusadores é bom indício de como a cidade, afinal, reagiu à condenação do filósofo – ou como o destino manifestou-se a respeito: Meleto foi condenado à morte, Anito foi exilado e apedrejado pelo povo, e Lícon suicidou-se. (DE BARROS, 2016, s/p.).

O que se nota pela reação da sociedade ateniense após a morte de Sócrates é o sentimento de que foi forjado um processo injusto que culminou na sua condenação. Apesar de Leite (2014, p. 63) alegar que na época em que Sócrates foi julgado houve vários delitos passíveis de punição consideradas ímpias. As ofensas eram contra as propriedades dos deuses, os seus cultos e representações.

“Como exemplo mais expressivo desse tipo de delito, tem-se a mutilação das estátuas de Hermes e a profanação dos Mistérios, em 415, pouco antes da expedição à Sicília, durante a Guerra do Peloponeso”. (LEITE, 2014, p. 63). Sendo vítimas da profanação dos Mistérios o próprio Meleto acusador de Sócrates. “Os Mistérios de Elêusis eram cerimônias de iniciação, com algum ritual pessoal a ser executado pelo novo participante. O culto era complexo, desenvolvido em vários dias”. (SUPERINTERESSANTE, 2011, s/p.). Devido ao momento de crise era necessário coibir a juventude de seus crimes contra a cidade que envolvia a traição e a conspiração contra a democracia.

Durante a investigação dos responsáveis pela mutilação, descobriu-se, ao se interrogar um escravo, que, em certas casas aristocráticas de Atenas, jovens estavam parodiando os Mistérios. Segundo o relato de Andócides, em *Sobre os Mistérios*, depois do interrogatório do criado de Alcibiades, que se chamava Andrômaco, descobriu-se que, na casa de Pulición, haviam sido celebrados os Mistérios por Alcibiades, Nícides e Meleto. Também estiveram presente outros cidadãos e seus escravos. Mas essa não foi a única casa em que se parodiaram os Mistérios. (LEITE, 2014, p. 63).

Os jovens estavam irresponsavelmente despreocupados com a tradição. “Essas ações precisavam de imediata condenação para que a cidade assegurasse, no momento de crise, os valores tradicionais e a benevolência dos deuses”. (LEITE, 2014, p. 64). Esses fatores equivocadamente pesaram na condenação de Sócrates, porém, esses acontecimentos não têm coerência com a vida pregressa do filósofo com relação a sua conduta moral, absolutamente estas ações de vandalismo e profanação estavam na contramão do que Sócrates pregava.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condenação de Sócrates envolve muitas especulações, porém como o presente trabalho foi composto em sua maior parte pelas obras de Platão e apenas uma de Xenofonte. Mas, como são fontes primárias elas permitem uma melhor análise dos fatos. Sócrates por várias vezes mencionou a inveja de seus acusadores, mas não só deles pessoas que estavam compondo o júri também.

É inegável a grande disputa intelectual que havia na Grécia antiga e analisando as obras de Platão e Xenofonte é possível observar a coerência do pensamento de Sócrates. Uma delas é que para ele a pessoa sabia ou não sabia, vivia testando o conhecimento alheio e desmascarando quem fingia ou pensava ser sábio. Muitos filósofos ou sofistas cobravam pelos seus ensinamentos aos jovens e isso não era de bom grado a eles, pois suas reputações ficavam maculadas. Por isso desenvolviam por Sócrates o sentimento de inveja e ódio em muitos dos casos em que eram expostos a revelarem o que realmente sabiam ou não sabiam.

Na Grécia Sócrates não foi o primeiro nem o último a ser julgado de impiedade muitos outros sofistas ou filósofos antes e depois passaram pela mesma situação e foram condenados. Mas, o que chamou a atenção no decorrer desta pesquisa foi que Sócrates sugeriu o pagamento da fiança tendo como afiadores

Platão, Críton, Critóbulo e Apolodoro e mesmo assim foram 360 jurados do total de 500 que optaram por manter a sentença de morte de Sócrates por envenenamento.

Sócrates na sua defesa se predispôs a ser corrido e ensinado se acaso corrompia os jovens inconscientemente. Ele também menciona que a lei de Atenas manda que se ele estivesse agindo involuntariamente por tais erros, deveria ser abordado em particular, ensinado e repreendido e não já levado ao tribunal para ser punido. Pela importância intelectual e o status social de Sócrates devidos as circunstâncias de sua acusação, julgamento e condenação e até mesmo pela reação dos atenienses após sua morte.

É percebido que seus acusadores podem ter se aproveitado da crise política e social que Atenas enfrentava naquele momento para se livrarem do rival Sócrates com conluio da maioria dos integrantes do tribunal. Sócrates sabia deste risco desde mais jovem, porém não mudou seu estilo de filosofar e nem abandonou a filosofia por amor a ela e também por ser um homem de princípios e muito corajoso pelo que as fontes revelam.

REFERÊNCIAS

EMPÓRIO DO DIREITO.COM.BR. DE BARROS, Luiz Ferri. O julgamento de Sócrates. 2016. Disponível em: <https://emporiododireito.com.br/leitura/o-julgamento-de-socrates>. Acesso em: 27 dez. 2022.

LEITE, Priscilla Gontijo. Os processos de impiedade contra os filósofos na Atenas clássica. **Revista Alétheia**, v. 9, n. 1, p. 61-81, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/view/6194>. 27 dez. 2022.

Platão. **Apologia de Sócrates precedido de Êutifron (sobre a piedade) e seguido de Críton (sobre o dever)**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

PLATÃO. **O banquete**. Jandira, SP: Principis, 2020.

PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: Edipro, 2015.

SUPERINTERESSANTE. O que era o culto grego secreto, os Mistérios de Elêusis? 2011. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-era-o-culto-grego-secreto-os-misterios-de-eleusis/#:~:text=Os%20Mist%C3%A9rios%20de%20El%C3%AAusis%20eram,aquilo%20como%20coisa%20de%20pag%C3%A3o>. Acesso em: 27 dez. 2022.

XENOFONTE. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**. Bauru, SP: Edipro, 2006.

